

A POÉTICA CITADINA DE LUIZ RUFFATO

THE URBAN POETICS OF LUIZ RUFFATO

Gislei Martins de Souza Oliveira¹

RESUMO

O trabalho faz um estudo dos poemas que projetam um olhar de desencanto sobre a cidade presentes na seção “As máscaras singulares”, do livro de título homônimo (2002) escrito por Luiz Ruffato. Observa-se em que medida o autor projeta uma perspectiva sobre a cidade como metonímia das contradições da modernidade no Brasil. Para tanto, verticaliza-se a tópica da fantasmagoria (Benjamin, 1994; Hardman, 1988) que discute a imagem obsoleta da cidade como rastro deixado pelas tentativas de sincronizar as regiões mais atrasadas do Brasil com o movimento universal da modernização. A sucessão de imagens construídas por Luiz Ruffato mostra o efeito espectral lançado sobre a cidade que sugere como as relações sociais encontram-se desterritorializadas com a voga da modernidade. A cidade passa a ser vista como um abismo no qual os sujeitos vivem a crise de um imaginário citadino pós-utópico (GOMES, 2008). Nossa hipótese, portanto, está pautada na consideração de que a cidade configurada por Luiz Ruffato em *As máscaras singulares* revela a perda da experiência a que o homem se encontra submetido ao mundo hodierno.

Palavras-chave: Cidade, Modernização, *As máscaras singulares*.

ABSTRACT

This paper examines the poems that explore the theme of the city in the section "As Máscaras Singulares", from the book of the same name (2002) by Luiz Ruffato. The author presents a perspective on the city as a metonym for the contradictions of modernity in Brazil. In this context, the concept of phantasmagoria will aid in understanding this perspective (Benjamin, 1994; Hardman, 1988), as it highlights the obsolete image of the city as a remnant of attempts to align the most underdeveloped regions of Brazil with the universal movement of modernization. The sequence of images constructed by Luiz Ruffato reflects the spectral effects cast upon the city, suggesting how social relations are deterritorialized by modernity. The city is portrayed as an abyss where individuals confront the crisis of a post-utopian urban imaginary (GOMES, 2008). Thus, the hypothesis is that the city depicted by Luiz Ruffato in *As Máscaras Singulares* reveals the loss of human experience in the contemporary world.

Keywords: City, Modernization, *As Máscaras Singulares*

¹ Pós-doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis) e professora do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT/Pontes e Lacerda), e-mail: gislei.martins@ifmt.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9816442751242319>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9297-6558>.

*Escutai, homens, a mensagem:
Nos escuros becos da cidade
Prepara-se a sedição dos mitos.
(Ruffato, Luiz. *As máscaras singulares*)*

Para iniciar nossa discussão trazemos o argumento de Willi Bolle (1994), para quem a consciência urbana moderna prefigura na literatura brasileira no início do século XX, momento em que São Paulo passa a ser vista como centro industrial e comercial do país em virtude das suas vantagens geográficas, da imigração e da infraestrutura. O debate proposto por este autor mostra-nos em que medida o desenvolvimento socioeconômico está ligado à construção do espaço urbano. Nesse sentido, desenvolver um debate sobre os modos de representação da cidade no mundo hodierno consiste em delinear a forma pela qual o homem contemporâneo organiza os espaços e como tal organização produz o deslocamento na configuração histórico-social do urbano.

Jacques Le Goff (1998) ressalta a similaridade entre a cidade contemporânea e a medieval que, segundo ele, é mais expressiva do que a relação desta com a cidade antiga. O argumento de Le Goff leva-nos ao seguinte questionamento: Quais dispositivos estão sendo mobilizados pelo homem para que a contemporaneidade seja afetada pelos modos de organização citadinos da Idade Medieval? Saber que lastros de antiguidade cerceiam a percepção da cidade contemporânea torna-se pertinente quando lançamos nosso olhar sobre a poética de Luiz Ruffato na obra *As máscaras singulares* (2002). Primeira produção poética deste escritor, *As máscaras singulares* chamou-nos a atenção por conter uma seção, de título homônimo, em que a temática do urbano se faz presente no que diz respeito aos resquícios de ancestralidade que o advento da modernidade procurou apagar por meio da ideologia do progresso.

Temos, então, a contradição sendo posta como âmago do universo contemporâneo, a saber, o passado, que outrora se buscava manter distante, agora se torna a mola propulsora da vida hodierna. Para estabelecermos de que modo a produção poética de Ruffato singulariza o urbano na atualidade, trazemos o poema de abertura da seção “As máscaras singulares”:

Abertos os braços o mapa sobre a escrivaninha
solidário oferece-se: fios azuis da lívida mão
sob a pele, contornos às margens – cidades,
vilas, povoados. Buscam os olhos a mágica
palavra, dentre a constelação de topônimos,

que, quando recitada, da caverna a oculta
porta abre. E do fundo da úmida
penumbra, lá fora, a desfilar, veremos
sombras. O cortejo: o tesouro. (Ruffato, 2002, p. 39).

A estratégia de personificar o mapa produz a ideia de que os espaços geográficos possuem uma humanidade que subsiste por si mesma. A configuração do mapa, cheio de entradas e contornos, torna-se metáfora da vida que pulsa nas cidades e que tem a capacidade de se constituir como um corpo/organismo, cujos membros procuram a capacidade de linguagem para adquirir o poder da comunicação. Somente por meio da linguagem existe a possibilidade de entrar no fundo daquilo que o poema chama de “penumbra”, mas que pode ser interpretado como a própria alma cujas sombras fazem do homem apenas um simulacro da cidade.

O sentido quase platônico da configuração geográfica faz do urbano o cenário no qual prevalece o paradoxo, pois a imagem do cortejo alça um efeito lúgubre que, contudo, diz respeito à celebração da vida. Como se o cidadão renascesse das cinzas, como a ave de fênix, o sujeito lírico estende um convite para que o leitor participe deste cortejo na tentativa de festejar a descoberta daquilo que vale como um tesouro, no caso, a vida que reluz dentro das cidades e afasta as sombras que impediam o aflorar da linguagem. Desse modo, o poeta nos mostra que a cidade não se compõe apenas de imagens, mas principalmente de uma linguagem cujos signos clamam por serem interpretados.

Cidade que fala e que deseja ser ouvida! Le Goff (1998, p. 29) destaca que “[...] as funções essenciais de uma cidade são a troca, a informação, a vida cultural e o poder”. Para ele, mesmo com as mudanças históricas como, por exemplo, a desruralização e a desindustrialização, a cidade contemporânea mantém a essência de antes, a saber, a função da troca. Esta, por sua vez, só ocorre quando o homem entra em contato com o Outro por meio da linguagem. Essas considerações fazem-nos pensar que a imagem trazida pelo poema da caverna, na qual uma “porta oculta se abre”, sugere que o homem contemporâneo precisa sair da clausura em que está para se comunicar com o universo à sua volta.

Há, portanto, uma necessidade de sair de dentro das muralhas que cercam a cidade medieval e circular pelas vielas que são construídas nos seus arredores para conhecer a vida dos que estão à margem. Nas palavras de Le Goff, “A cidade da Idade

Média é um espaço fechado. A muralha a define. Penetra-se nela por portas e nela se caminha por ruas infernais que, felizmente, desembocam em praças paradisíacas.” (1998, p. 71). Zigmunt Bauman (2006) também exibe que a cidade contemporânea está cercada por uma atmosfera de insegurança e medo que faz os seus habitantes se trancafiarem em grandes aglomerações de edifícios e condomínios fechados. Para este autor, prevalece nessa situação a concepção do individualismo que levou os sujeitos a ocuparem-se de si próprios e deixarem de lado a vida coletiva.

A perspectiva do medo e insegurança que rege a contemporaneidade, ainda na argumentação de Bauman, surgiu com a modernidade sólida, cuja “[...] desgraça mais temida era a impossibilidade para o indivíduo de se adequar à norma geral [...]” (2006, p. 18). Dialogando com Bauman, Renato Cordeiro Gomes (2008) assegura que o progresso fez com que a urbanização expandisse ainda mais os limites da metrópole, que agora se dispersa por outros espaços. Nesse caso, o homem citadino vive em um labirinto, para usar a expressão de Gomes, no qual ele se perde em meio ao imaginário arquitetado sobre as cidades que, mesmo sendo distinto, mantém-se idêntico em sua essência. Esse efeito de similitude, nas palavras do autor, foi consolidado pela mídia que rotulou a imagem da cidade fazendo dela um cartão-postal. Assim, o que estava relacionado com uma imagem utópica e infernal, hoje tal acepção da cidade caiu por terra, pois, nas palavras de Gomes, a cidade das cidades ideias já não existe.

Diante da quebra do paradigma citadino, o homem contemporâneo deseja ter seu lugar reconhecido, mas vê-se impossibilitado de compreender a cidade que habita nele e que ele habita:

Esfinge, decifra-me desta cidade
o mistério. De Níobe minha mãe,
um coração de pedra herdei. E
de meu pai, o capacete de Treva.
Invisível, por mil noites arrastaram-se
meus pés e agora advém a fadiga. Sequer
avoengas máscaras singulares deparei.
Oh! Devora-me, devora-me, pois o enigma
decifrar é a punhal fender meu peito. (Ruffato, 2002, p. 42).

A figura emblemática da esfinge não apenas trata do modo como o sujeito contemporâneo encontra-se perplexo frente aos enigmas da cidade, como também retoma a relação edipiana daquele que deseja descobrir sua história e/ou origens. Contudo, a origem aqui se transforma naquilo que atemoriza o sujeito na medida em

que apenas revela o seu anonimato em meio aos milhões de seres que habitam a cidade. O sentir-se anônimo no seio de sua cidade pátria mostra a relação incestuosa do homem contemporâneo que sente os efeitos da negação do sentimento maternal que deseja ser resgatado.

Willi Bolle (1994), com base no estudo da obra de Walter Benjamin, aponta como este autor pensou a cidade, à época da modernidade, como palco de conflitos sociais e de uma multidão erotizada, que o homem daquele tempo procurava decifrar. Bolle ainda pondera que “O habitante da metrópole moderna, incessantemente submetido à ‘vivência de choque’ [...] vive por reflexos e não tem tempo para formar sua experiência, um *eidos* de vida, uma imagem de si.” (1994, p. 345). Vemos, entretanto, que o homem contemporâneo figurado pelo poema de Ruffato, diferentemente do sujeito moderno, vê-se diante de um passado que não pode ser decifrado e, sem uma imagem de si, sofre as consequências de sentir-se impotente diante das aventuras propostas pelo conhecimento da cidade. A experiência que anteriormente era de choque, agora está relacionada ao trauma de não compreender o universo que o circunda e sobre o qual se torna difícil fazer uma representação simbólica².

O diálogo que este poema estabelece com a tradição clássica encena uma das estratégias encontradas por Luiz Ruffato para situar sua produção no rol da literatura ocidental. O efeito trazido por este recurso também sugere a relação que a cidade contemporânea estabelece com o passado. Isso pode ser visto pela imagem do vazio encontrado no âmbito da cidade, já que o sujeito lírico em sua busca nem ao menos consegue encontrar “avoengas máscaras singulares”. Desse modo, além de anônimo o homem contemporâneo torna-se um ser que prefere o isolamento à vida em comunidade. Vejamos abaixo o poema de Luiz Ruffato que tematiza a solidão do homem na contemporaneidade:

Onde quer que estejas, em teu país
ou em outro, és estrangeiro: ninguém
tua língua comprehende. Só, o deserto
de estranhas veredas percorres.

²Entendemos o conceito de trauma conforme a formulação de Jeanne Marie Gagnepain (2006, p. 110), segundo a qual “O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.”

Conservas, no entanto, dos primeiros anos
o albor, quando tua cidade, madrasta e mãe,
teus sonhos na noite fresca velava.
A grande mão que afagou-te esmaga o peito agora.
Ah! Somos apenas o que somos. Apenas. (Ruffato, 2002, p. 43).

Observamos que o sentido do ser estrangeiro ultrapassa a própria solidão na medida em que alça o sentimento de não possuir uma língua capaz de estabelecer uma comunicação com os demais. Nas palavras de Bauman, o estrangeiro constitui o sujeito que encarna uma espécie de ameaça ao homem contemporâneo, pois traz em si a marca do inquietante, estranho e, principalmente, daquele que possui outros costumes. Sendo assim, “Expulsando das suas casas e lojas certo tipo de estrangeiros, consegue-se exorcizar por algum tempo o fantasma aterrador da incerteza e esconjura-se, assim, o monstro medonho da insegurança.” (BAUMAN, 2006, p. 33). A cidade contemporânea consiste no espaço que consegue acolher sujeitos dos mais variados gêneros, o que provoca medo e insegurança nos que estão acostumados com a mesmice do cotidiano.

Vemos também o poema adjetivar a cidade como “madrasta e mãe”, dando ênfase no fato de ela proteger os filhos que estão ausentes da figura materna, a saber, ser matriarca de filhos postiços. Na parte final deste poema, o sujeito lírico ainda ressalta o isolamento do homem contemporâneo com o advérbio “apenas”, que aparece duas vezes no mesmo verso. Este recurso poético está relacionado ao modo como os sujeitos contemporâneos encontram-se conectados às mídias virtuais sem, contudo, se comunicarem por meio da presença física com os seus semelhantes. A hipótese de Bauman ajuda-nos a entender como a sociedade criou gente supérflua, que agora não tem para onde ser despejada:

A modernização, enquanto novo estilo de vida que engendra gente supérflua, limitou-se nos primeiros tempos a certa fracção da Europa: era um privilégio, e o resto do mundo podia servir de depósito de despejo para o supérfluo que se produzia, de começo na Europa e, mais tarde, nos seus prolongamentos. (Bauman, 2006, p. 77).

Torna-se pertinente retomarmos o pensamento de Bauman segundo o qual a necessidade de se construir determinada ordem, indispensável para o ingresso na modernização global, fez com que a sociedade produzisse meios para suprimir aqueles que não faziam parte desse novo modo de vida. O que Bauman chama de “gente supérflua” nada mais é do que a eliminação daqueles que não conseguem integrar-se aos

meios de produção capitalista nem mesmo por meio da mão-de-obra barata. Para este autor, durante muito tempo, a Europa fez do restante do mundo o lugar para onde eram enviadas as gentes supérfluas. Contudo, com a modernidade líquida, todos os espaços foram habitados devido à implantação do modelo produtivo moderno em todos os países.

Diante disso, Bauman argumenta que a gente supérflua está em toda parte o que contribuiu para a construção de uma verdadeira arquitetura do medo. Não apenas os ambientes privados transformaram-se em redes de segurança, mas principalmente os lugares públicos das cidades, que mais parecem uma zona de vigilância constante. Le Goff afirma que essa obsessão urbana por segurança (1998, p. 72) cai em contradição, pois, desde a Antiguidade Clássica, o policiamento era delegado “a pessoas em certa medida menosprezadas. Satisfaz-se àquilo que se considera uma necessidade, a segurança, mas, ao mesmo tempo, essa função não parece muito honrosa: em Atenas, os citas são bárbaros”. Sem ter a segurança que satisfaça o seu desejo de proteção maternal, um dos poemas de Luiz Ruffato, presente na seção “As máscaras singulares”, mostra-nos que o recurso encontrado pelo homem contemporâneo seria o de abrigar-se na memória que possui da cidade:

Habitam as sombras a cidade que habita
um corpo nela habita num momento, esse.
À cidade retornar é diverso de nela permanecer, mesmo que em
pensamento.
Volver: nas ruas subsumir a própria face
espelhada. Estar no porão da cidade todo
tempo: ela mesma reconhecer-se, objetos
olvidados na memória reordenar. Os olhos
de medusa enfrentar e torná-la pétreia. (Ruffato, 2002, p. 40).

Reaver o passado consiste a tentativa encontrada pelo homem contemporâneo para entender o presente, no qual ele não consegue ter uma experiência concreta de si com a cidade. A possibilidade de manter uma relação de identidade já não funciona mais no universo cada vez mais fechado, cujos sujeitos se debatem para encontrarem uma posição de abrigo e segurança. Diante do caos, apenas o regresso aos porões da memória permite ao homem hodierno reconhecer-se como tal e construir sua identidade. Os valores de outrora já não condizem com a velocidade de informações que rege o mundo contemporâneo. Resta apenas petrificar a imagem de segurança trazida pelo passado, para que se possa atingir a imagem de si mesmo e enfrentar as sombras que,

conforme nossa leitura do poema, podem ser interpretadas como a condição do ser contemporâneo. Homens que vestem suas “máscaras singulares” para conseguir encarar a ausência de uma identidade estável e segura a que possa se apegar diante da falta de sentido do mundo moderno norteado pela representação e objetividade.

Depreendemos disso que Luiz Ruffato em *As máscaras singulares* alça uma discussão de nível universal quando tematiza a construção de uma imagem idealizada de ordem e segurança para a vida contemporânea. Andrea Saad Hossne (2007) aponta o viés da degradação urbana nas narrativas de Ruffato como a tomada de consciência de uma questão universal. Segundo ela, “[...] os personagens, apesar de parecerem comuns, na verdade, revelam um microcosmo da nossa sociedade, são universais no que têm de regionais, e não regionalistas.” (HOSSNE, 2007, p. 20). Outra crítica que destaca a relevância da produção literária de Ruffato é a de Giovanni Ricciardi (2007), para quem a linguagem deste escritor está enraizada em uma condição humana e social desvairada e esquizofrênica. Já no argumento de Ivete Lara Camargos Walty, a literatura de Ruffato:

O texto desmanchado metaforiza a história desmanchada da cidade, que traz no lixo contemporâneo não apenas o que se costuma atribuir ao lixo, mas pedaços dessa ordem social excludente nos signos da riqueza e do poder, que insistem em permanecer acima do que consideram um país podre [...]. (Walty, 2007, p. 62).

Sendo assim, não é por acaso que Karl Erik Schollhammer (2011) avalia a linguagem de Ruffato como contemporânea e inovadora, pois foge dos formatos tradicionais da literatura do século XIX na medida em que glosa a atual realidade social do país por meio da recriação de várias estéticas, como as do Modernismo e Realismo brasileiros. Com tal intuito, podemos dizer que a literatura de Ruffato revela aquilo que Theodor Adorno (2003) considera como a mais alta composição lírica, a saber, a capacidade de a linguagem poética verter o social até que ela por si mesma ganhe voz:

A idiossincrasia do espírito lírico contra a prepotência das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens, que se propagou desde o início da Era Moderna e que, desde a Revolução Industrial, desdobrou-se em força dominante da vida. (Adorno, 2003, p. 69).

Ao proceder contra o sistema simbólico, que faz do homem contemporâneo um ser aprisionado em si mesmo, o poema abaixo configura um eu cuja linguagem deseja o encontro com a Alteridade:

Séculos e séculos caminhamos
e na encruzilhada Tu e eu novamente.
A tiara em teus cabelos, um halo
na triste paisagem. O oráculo
de Delfos pressagiou: andaremos,
andaremos, e no princípio chegaremos.
Mas já não há lugar para calos nas mãos,
uma pedra ensanguentada rola. Onde estão todos?
Onde estão, ó Demiurgo? Estamos sós? (Ruffato, 2002, p. 45).

Contudo, o sujeito lírico mesmo clamando por alguém que lhe acompanhe nessa jornada não consegue estar totalmente liberto da ideologia que o mantém a cada dia mais preso em uma subjetividade vazia de experiências. Diante do abandono, portanto, observamos que o sujeito lírico vê a cidade somente como uma imagem de fantasmagoria, pois não é possível encontrar seres que tragam também o mesmo desejo pelo retorno a um mundo repleto de experiências. Para Francisco Foot Hardman (1988), a projeção de figuras de fantasmagoria possuía, desde o início do século XIX, um enorme lastro histórico-cultural deixado pelo projeto de modernização inacabado na sociedade brasileira. Um projeto que mais fez produzir gente supérflua que já não tinha/tem mais onde se refugiar.

Dessa forma, o homem citadino já não vive mais em liberdade, pois se sente refém dentro de sua própria moradia no que diz respeito aos diversos marginais que estão sendo fabricados, cada vez mais, pela cidade contemporânea. De acordo com Le Goff, “As cidades são, portanto, uma revolução, porque, como já se disse, sua aparência torna os homens livres e iguais, mesmo que a realidade, com frequência, permaneça longe do ideal.” (1998, p. 91). Assim, a poética de “As máscaras singulares” projeta um ser humano frustrado quando, a todo despertar, se reveste de uma máscara, que precisa ter sua singularidade para conseguir ao menos se diferenciar das demais, para poder enfrentar os perigos e armadilhas da cidade contemporânea.

Referências

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Trad: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BOLLE, Willi. *Figsionomia da Metrópole Moderna*: Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, Escrever, Esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- HARDMAN, Francisco Foot. Engenheiros, Anarquistas, Literatos: sinais da modernidade no Brasil. In: FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA. CENTRO DE PESQUISAS. SETOR DE FILOLOGIA. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: 1988.
- HOSSNE, Andrea Saad. “Degradação e acumulação: considerações sobre algumas obras de Luiz Ruffato”. In: HARRISON, Marguerite Itamar. *Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. Trad: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- RICCIARDI, Giovanni. “Pedras para um mosaico”. In: HARRISON, Marguerite Itamar. *Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.
- RUFFATO, Luiz. *As máscaras singulares*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. “Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato”. In: HARRISON, Marguerite Itamar. *Uma cidade em camadas –*

ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato. Vinhedo: Editora Horizonte, 2007.

Recebido em: 02/10/2024

Aceito em: 19/04/2025